

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
GLADSON LEONE ROSA

O PROCESSO AVALIATIVO DO CURSO DE
BACHARELADO EM MÚSICA DA FAMES PARA
INSTRUMENTOS DE METAL COM ÊNFASE NA
CLASSE DE TUBA

RIO DE JANEIRO
2017

Gladson Leone Rosa

O PROCESSO AVALIATIVO DO CURSO DE
BACHARELADO EM MÚSICA DA FAMES PARA
INSTRUMENTOS DE METAL COM ÊNFASE NA
CLASSE DE TUBA

Dissertação de Mestrado Profissional apresentado
ao Programa de Pós-Graduação em Música –
PROMUS da Universidade Federal do Rio de
Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título
de Mestre em Música (Pedagogia Instrumental).

Orientadora: MIRIAM GROSMAN

Rio de Janeiro
2017

CIP - Catalogação na Publicação

R788p Rosa, Gladson Leone
O processo avaliativo do curso de bacharel em
Musica da FAMES para instrumentos de metal com
Ênfase na classe de tuba / Gladson Leone Rosa. --
Rio de Janeiro, 2017.
48 f.

Orientadora: Miriam Grosman.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do
Rio de Janeiro, Escola de Música, Programa de Pós
Graduação Profissional em Música, 2017.

1. Bacharelado em Música. 2. Processos
avaliativos. 3. Instrumentos de Metal. 4. Tuba. I.
Grosman, Miriam, orient. II. Título.

GLADSON LEONE ROSA

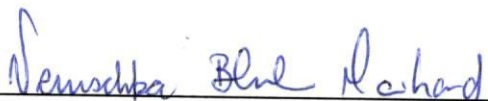
**O PROCESSO AVALIATIVO DO CURSO DE
BACHARELADO EM MÚSICA DA FAMES PARA
INSTRUMENTOS DE METAL COM ÊNFASE NA
CLASSE DE TUBA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissional Música (PROMUS), Escola de Música, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Música.

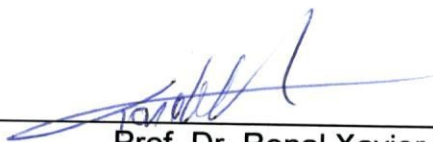
Aprovada em 06 de dezembro de 2017.



Profa. Dra. Miriam Grosman (UFRJ)



Profa. Dra. Veruschka Blühm Mainhard (UFRJ)



Prof. Dr. Ronal Xavier Silveira (UFRJ)

Resumo

Rosa, Gladson Leone. O processo avaliativo do curso de bacharelado em música da FAMES para instrumentos de metal com ênfase na classe de tuba. Rio de Janeiro, 2017. Dissertação (Mestrado Profissional em Música) – Escola de Música, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2017.

O presente trabalho apresenta conceitos e propostas de avaliação durante e ao final do primeiro período letivo do curso de Bacharelado em Música para instrumentos de metal, apresentando sugestões de currículo para o curso de formação musical (CFM), considerado um suporte para o vestibular da Faculdade de Música do Espírito Santo (FAMES). Foi privilegiado o enfoque na classe de tuba da instituição, tratando a avaliação como um poderoso instrumento pedagógico auxiliar. Como referenciais teóricos, utilizamos e discutimos conceitos e ideias de Philippe Perrenoud e Ilza Martins Sant'Anna apoiando seus conceitos com outros autores. São analisadas três formas de avaliação (diagnóstica, formativa e somativa) e suas possibilidades de aplicação na classe de metais da FAMES, com o objetivo de promover o desenvolvimento técnico, musical e artístico do aluno.

Palavras-chave: Avaliação. Performance Musical. Instrumentos de Metais. Classe de Tuba da FAMES.

Abstract

Rosa, Gladson Leone. The evaluative process of the bachelor's degree in music from fames to metal instruments with an emphasis on the tuba class. Rio de Janeiro, 2017. Dissertation (Professional Master in Music) - School of Music, Federal University of Rio de Janeiro, 2017.

The present work presents concepts and proposals for evaluation during and at the end of the first academic period of the Bachelor of Music course for metal instruments, presenting suggestions of curriculum for the musical training course (CFM), considered a support for the college entrance exam of Music of the Holy Spirit (FAMES). Focus was placed on the institution's tuba class, treating evaluation as a powerful auxiliary pedagogical tool. As theoretical references, we use and discuss concepts and ideas of Philippe Perrenoud and Ilza Martins Sant'Anna supporting their concepts with other authors. Three forms of evaluation (diagnostic, formative and summative) and their possibilities of application in the class of metals of FAMES are analyzed, with the objective of promoting technical, musical and artistic development of the student.

Keywords: Evaluation. Musical Performance. Metals Instruments. Class of Tuba from FAMES.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais Ione e Geraldo, a meus irmãos Gláucia, Glauco e Gabriela, ao meu amado filho Klauss Emanuel, à minha esposa, companheira, amiga e amor, Cristina Malva, que tanto me apoiaram e auxiliaram do início até este momento.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela vida e oportunidade de realizar este projeto, à Doutora Miriam Grosman, pela orientação sempre presente e carinho neste processo de aprendizado e enriquecimento cultural, às amigas Beth Villela e Cleonice Alves, pelas revisões e aulas dadas, à querida Marta Lisbôa Rodrigues Costa, pelo carinho e atenção e carinho durante todo o processo do curso e aos alunos que participaram da pesquisa e à FAMES pelos dados cedidos.

“Até o final dos estudos, e mesmo depois, ninguém pode estar certo de que uma falta de excelência [...] manifesta uma verdadeira falta de competência e menos ainda uma real ‘inaptidão para aprender’”. Philippe Perrenoud

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. AVALIAÇÃO: CONCEITOS E POSSIBILIDADES	13
1.1. MODALIDADES DE AVALIAÇÃO	14
1.2. AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA	15
1.3. AVALIAÇÃO FORMATIVA	16
1.4. AVALIAÇÃO SOMATIVA	17
1.5. INSTRUMENTOS UTILIZADOS NAS DIFERENTES ETAPAS AVALIATIVAS	17
1.6. <i>FEEDBACK</i>	19
2. AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA NA FAMES	20
2.1. INVESTIGAÇÃO DAS CONDIÇÕES DE PREPARAÇÃO PARA O EXAME P.H.I.	20
2.2. P.H.I. PARA A CLASSE DE METAIS DA FAMES	23
2.3. POSSIBILIDADES DE APERFEIÇOAMENTO NA PREPARAÇÃO E NA AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA	26
2.4. EMENTAS DAS OFICINAS	27
2.5. SUGESTÕES PARA O VESTIBULAR (P.H.I.)	28
3. AVALIAÇÃO FORMATIVA NA CLASSE DE TUBA DA FAMES	30
3.1. ESCOLHA DO REPERTÓRIO E METODOLOGIA DO PRIMEIRO SEMESTRE NA CLASSE DE TUBA	30
3.2. A AVALIAÇÃO FORMATIVA SEGUNDO OS ASPÉCTOS NORMATIVOS DA FAMES	31
3.3. EMENTA, CONTEÚDO PROGRAMÁTICO, O CURSO DE TUBA E SUAS POSSÍVEIS ADEQUAÇÕES	32
3.4. HABILIDADES AUXILIARES E PROPOSTAS PEDAGÓGICAS	36
4. AVALIAÇÃO SOMATIVA NA FAMES	38
4.1. NORMAS E FORMAS DA AVALIAÇÃO SOMATIVA NA FAMES	38
4.2. QUANDO E COMO OCORREM AS LIBERAÇÕES DE REPERTÓRIO	40
4.3. INCONSISTÊNCIA NA AVALIAÇÃO	40
4.4. COMPARATIVO DOS RESULTADOS DA AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA E SOMATIVA NO PERÍODO DE 2012	

A 2016 APLICADAS À CLASSE DE METAIS DA FAMES	41
4.5. PROPOSTAS PARA A AVALIAÇÃO SOMATIVA DA FAMES	42
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
6. REFERÊNCIAS	47
7. ANEXO	49

INTRODUÇÃO:

A avaliação geralmente diz respeito a medir, dar valor a algo, tendo assim visão e caráter classificatório; no entanto, pode também ser utilizada de forma pedagógica, diagnosticando e fornecendo controle, auxiliando no processo ensino-aprendizagem, proporcionando meios de correções das falhas e esclarecimentos das dúvidas. (ENCONE, TURRA, SANT'ANNA e ANDRÉ, 1975).

A avaliação de um aluno do curso de Bacharelado em Música com habilitação na classe de metais (trompete, trompa, trombone ou tuba), normalmente, baseia-se no desempenho apresentado nas provas. Dessa forma, concentrando todo o momento avaliativo no fim do processo, fornecendo ao avaliado apenas a nota e poucos comentários, a função pedagógica fica comprometida.

Com o objetivo de buscar alternativas para esta situação, diversas formas de avaliação para as atividades performáticas individuais no ensino de música podem ser utilizadas.

A escolha adequada das ferramentas a serem utilizadas depende da definição das habilidades a serem mensuradas.

Observa-se uma significativa diversidade técnico/ musical nos alunos que ingressam nos cursos de bacharelado e licenciatura em música. No caso da habilitação em instrumentos de metal (trompete, trompa, trombone ou tuba) constatamos que os candidatos emergem principalmente das bandas de música, fanfarras, conjuntos das igrejas e dos cursos de formação da FAMES, apresentando diferentes estágios de desenvolvimento musical.

Considerando a questão das diferenças individuais acentuadas, justifica-se a proposta de apresentar, detalhadamente, as habilidades fundamentais a serem desenvolvidas durante todos os períodos do Curso de Bacharelado. O presente trabalho fornecerá diretrizes pedagógicas para que os professores da área possam, não apenas avaliar os estudantes de forma mais objetiva, como também auxiliá-los no processo de ensino/aprendizagem.

O estudo comparativo no Curso de Bacharelado da FAMES com habilitação nos instrumentos de metal (trompete, trompa, trombone ou tuba), entre as condições de entrada dos alunos com as exigências básicas que os professores da instituição compreendem como necessárias para um desempenho de qualidade e bom aproveitamento do curso.

Foram formulados questionários (verificados no anexo) e coletados dados da instituição para análise do desempenho dos alunos durante o primeiro semestre, com a finalidade de uma

avaliação diagnóstica.

Na pesquisa, realizada a partir destes dados, foram analisados os resultados, relacionando-os à preparação para o vestibular.

Utilizamos e discutimos as definições e conceitos de avaliação de Philippe Perrenoud, Ilza Martins Sant'Anna, Carolina Blaya, Pedro Demo, Antônio Carlos Gil, dentre outros.

O capítulo 1 apresenta referenciais bibliográficos, para auxiliar na compreensão das diferentes propostas avaliativas e suas aplicações, constituindo um referencial teórico para o trabalho.

O capítulo 2 analisa e propõe sugestões para Avaliação Diagnóstica direcionando-a para a classe de metais.

O capítulo 3 enfatiza a classe de tuba, na Avaliação Formativa, critério justificado por ter o autor deste trabalho formação e atuação nesta área com conhecimentos e experiência que podem possibilitar mudanças e sugestões nesse momento avaliativo.

O capítulo 4 fornece as ferramentas e possibilidades da Avaliação Somativa na FAMES, estendendo às outras classes de metais, com sugestões de alterações significativas nessa forma de avaliar.

CAPÍTULO 1: AVALIAÇÃO: CONCEITOS E POSSIBILIDADES

Com o objetivo principal de refletir, discutir e propor procedimentos avaliativos da performance musical de estudantes universitários, investigamos o pensamento de conceituados pedagogos que são referenciais para a pesquisa, como Philippe Perrenoud e Ilza Martins Sant'Anna, apoiados por diversos outros autores. Destacamos, nesse trabalho, diversas formas de avaliação que podem ser aplicadas com o intuito de fornecer ferramentas para o desenvolvimento musical do estudante.

O ato de avaliar vem sendo analisado principalmente nas áreas pedagógica e psicológica com conceitos, métodos e funções postos em discussão, como decorrência da falta de um entendimento mais consistente sobre a questão. Ao hierarquizar, basicamente tratamos a avaliação como fator comparativo entre alunos, mas, frequentemente, não contemplamos de forma adequada uma avaliação baseada no desenvolvimento do estudante durante o processo de ensino/aprendizagem.

Perrenoud (1999, p.9) observa que a compreensão e aplicação adequadas de processos avaliativos devem ser consideradas relevantes dentro de uma ótica que vise a excelência na formação do indivíduo. Além de proporcionar diretrizes que facilitem o percurso da aprendizagem, determinam referências relevantes para o discernimento do estudante:

Avaliar é – cedo ou tarde – criar hierarquias de excelência, em função das quais se decidirão a progressão no curso seguido [...] a orientação para diversos tipos de estudo, a certificação antes da entrada no mercado de trabalho.... Avaliar é também privilegiar um modo de estar em aula e no mundo, valorizar formas e normas de excelência, definir um aluno modelo, aplicado e dócil para uns, imaginativo e autônomo para outros... (PERRENOUD, 1999, p.9).

De acordo com Encone et al. (1975), a ideia de avaliar tem sido tratada como uma forma de medir, dar valor a algo que pressupõe visão e caráter classificatório. No entanto, pode, também, ser utilizada de forma pedagógica, diagnosticando e fornecendo controle, auxiliando no processo ensino-aprendizagem e proporcionando meios para correções das falhas e esclarecimentos das dúvidas.

Sant'Anna (1995, p.16) “[...] afirma que "avaliar não é rotular alguma coisa e muito menos alguém! Avaliar é atribuir um valor! ”. Sendo assim, podemos concluir que qualquer forma avaliativa utilizada para discriminar e/ou rotular pode ser considerada inadequada, perdendo, dessa forma, sua principal função que deveria ser a de desenvolver o indivíduo

avaliado, direcionando-o para novas aquisições ou modificações.

A mesma autora enfatiza a necessidade de se observar mais analiticamente o processo evolutivo de aprendizagem. Em uma perspectiva mais abrangente, instituições, professores e alunos seriam responsáveis pela construção do conhecimento e deveriam estar envolvidos conjuntamente na tarefa educativa, conforme podemos verificar na sua afirmativa: “Um processo pelo qual se procura identificar, aferir, investigar e analisar as modificações do comportamento e rendimento do aluno, do educador, do sistema, confirmando se a construção do conhecimento se processou, seja este teórico (mental) ou prático(SANT'ANNA, 1995, p.29).

Posição semelhante é reiterada por José Carlos Libâneo, enfatizando que a supervalorização da nota, especialmente quando não é acompanhada de análise da performance, deve ser evitada por não contribuir efetivamente para o desenvolvimento técnico-artístico do aluno. A cultura de valores e quantificação das ações são fatores que podem contribuir para a tendência de avaliar através apenas de atribuição de notas.

A avaliação é uma tarefa complexa que não se resume a realização de provas e atribuição de notas. A mensuração apenas proporciona dados que devem ser submetidos a uma apreciação qualitativa. A avaliação, assim, cumpre funções pedagógico-didáticas, de diagnóstico e de controle em relação às quais se recorrem a instrumentos de verificação do rendimento escolar (LIBÂNEO,1994, apud OLIVEIRA; APARECIDA; SOUZA, 2008, p. 4).

A opinião de Pedro Demo enriquece a visão do processo avaliativo, considerando-o, também, como um processo de planejamento, através da reflexão dos objetivos a serem alcançados e, sempre, de acordo com as necessidades das instituições e das práticas em diferentes áreas:

Refletir é também avaliar, e avaliar é também planejar, estabelecer objetivos, etc. Daí os critérios de avaliação que condicionam seus resultados estejam sempre subordinados a finalidades e objetivos previamente estabelecidos para qualquer prática, seja ela educativa, social, política ou outra. (DEMO, 1999, p. 1).

1.1 MODALIDADES DE AVALIAÇÃO

Entendemos que a classificação e conhecimento de diferentes modalidades de avaliação, bem como sua aplicação, devem ser compreendidos para que possamos obter resultados mais eficazes. De acordo com Bloom (apud SANT'ANNA, 1995), podemos considerar várias modalidades de avaliação:

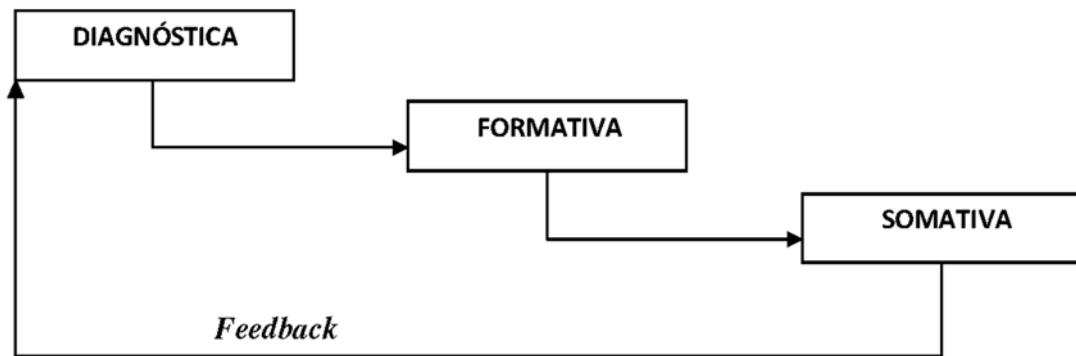


Fig. 1 – Modalidades da avaliação

1.2 AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA

Essa modalidade tem como função identificar o nível, os problemas e as características do avaliado em uma primeira instância, podendo ser utilizada como identificadora de pré-requisitos para os cursos de bacharelado em música. A utilização de entrevistas, formulários e uma prova para o início do processo seriam as ferramentas básicas para o diagnóstico.

Segundo Blaya (2007, apud OLIVEIRA, 2008, p. 5):

Avaliação diagnóstica tem dois objetivos básicos: identificar as competências do aluno e adequar o aluno num grupo ou nível de aprendizagem. No entanto, os dados fornecidos pela avaliação diagnóstica não devem ser tomados como um 'rótulo' que se cola sempre ao aluno, mas sim como um conjunto de indicações a partir do qual o aluno possa conseguir um processo de aprendizagem. (BLAYA, 2007 apud OLIVEIRA, 2008, p. 5).

Fundamental no processo de ensino-aprendizagem, a avaliação diagnóstica deve ser realizada nos primeiros contatos do professor com o aluno e sua função básica seria identificar o perfil do estudante para traçar metas na orientação. Nesse momento, a sensibilidade e experiência do avaliador são essenciais para identificar as possibilidades e potenciais de candidatos aos cursos de bacharelado em música. No entanto, convém observar que, não raramente, as habilidades básicas exigidas em uma determinada seleção podem estar encobertas por diferentes razões, o que pode dificultar ou limitar essa primeira etapa avaliativa.

De acordo com Perrenoud (1999, p. 11-12),

[...] a avaliação diagnóstica está a serviço da seleção, hierarquizando e classificando os alunos de acordo com exigências preestabelecidas ou comparativas entre o nível dos alunos, tendo como referência principal o próprio professor, podendo ainda utilizar outras, criando o que ele trará como hierarquias de excelência', onde 'os examinadores criam variações que se referem mais à escala e ao princípio da classificação do que às variações significativas entre os conhecimentos'. (PERRENOUD, 1999, p. 11 e 12).

Esse momento possibilita ao professor/avaliador mapear a atuação do aluno que pretende ingressar no curso de bacharelado em música. O diagnóstico deste candidato poderá ser mais preciso se complementado por entrevista, análise de suas experiências, vivência e expectativas quanto ao curso pretendido.

1.3 AVALIAÇÃO FORMATIVA

A segunda etapa da avaliação, integrada ao processo educativo, tem como funções principais a observação, compreensão e assimilação do conteúdo ministrado. É o momento de corrigir, alterar ou manter o método utilizado no processo de ensino-aprendizagem. Os instrumentos auxiliares podem ser variados, mas o essencial será manter o foco na avaliação do rendimento e sua relação com os métodos utilizados.

De acordo com Blaya (2007, *apud* OLIVEIRA; APARECIDA; SOUZA, 2008 p. 5):

... (É) a forma de avaliação em que a preocupação central reside em coletar dados para reorientação do processo de ensino-aprendizagem. Trata-se de uma 'bússola orientadora' do processo de ensino-aprendizagem. A avaliação formativa não deve assim exprimir-se através de uma nota, mas sim por meio de comentários.

A avaliação formativa deve acontecer durante todo o processo; do contrário não será possível mudar as estratégias de ensino para uma orientação mais eficiente do estudante. Analisando o desempenho junto ao professor e à instituição de ensino, investigam-se soluções apropriadas para os seus problemas.

Perrenoud (1999, p.15) defende essa forma de avaliação como a mais importante em todo o processo, propondo-a através de uma analogia com a área da saúde:

Nenhum médico se preocupa em classificar seus pacientes, do menos doente ao mais gravemente atingido. Nem mesmo pensa em lhes administrar um tratamento coletivo. Esforça-se para determinar, para cada um deles, um diagnóstico individualizado, estabelecendo uma ação terapêutica sob medida.

[...]

Avaliação formativa deve, pois, forjar seus próprios instrumentos, que vão do teste criterioso, descrevendo de modo analítico um nível de aquisição ou de domínio, à observação *in loco* dos métodos de trabalho, dos procedimentos, dos processos intelectuais no aluno." (PERRENOUD, 1999, p.15).

Entendemos que esse seria o momento, por exemplo, para adequar o programa ao

aluno, fazer correções e/ou alterações pedagógicas e metodológicas. Quando aplicada de forma criteriosa, esta avaliação pode apontar possibilidades de novos rumos na metodologia de ensino, ao mesmo tempo em que permite à instituição maior flexibilidade do processo avaliativo.

1.4 AVALIAÇÃO SOMATIVA

Concebida para ser aplicada ao final do processo, a avaliação somativa tem por objetivo apresentar um resultado final transparente e definido que servirá de base para uma futura orientação.

Essa modalidade requer objetivos claros com parâmetros bem definidos, podendo-se utilizar diferentes recursos, ficando a critério do avaliador aplicar aqueles que melhor traduzam o desempenho geral do aluno desde o início do processo. Não é tarefa simples, pois é necessária uma visão de maior alcance para que se obtenha um resultado representativo do processo.

De acordo com Gil (2006, p. 248),

...é uma avaliação pontual, que geralmente ocorre no final do curso, de uma disciplina, ou de uma unidade de ensino, visando determinar o alcance dos objetivos previamente estabelecidos. Visa elaborar um balanço somatório de uma ou várias sequências de um trabalho de formação e pode ser realizada num processo cumulativo, quando esse balanço final leva em consideração vários balanços parciais.

Geralmente utilizada para mensurar e classificar, esse procedimento é uma oportunidade para revisão e compreensão do conteúdo ministrado, associado ao mapa feito na avaliação diagnóstica e às adequações da avaliação formativa. Conclui-se o processo com a avaliação somativa e o fornecimento de um *feedback*¹ que prepara os envolvidos para o próximo ciclo.

1.5 INSTRUMENTOS UTILIZADOS NAS DIFERENTES ETAPAS AVALIATIVAS

As formas avaliativas são recursos possíveis de serem utilizados que, de acordo com Sant'Anna (1995, p. 87), possuem “[...] função primordial no contexto avaliativo e devem ser planejadas as suas utilizações no contexto pedagógico-avaliativo”.

Com uma adequada interpretação dos resultados nas etapas apresentadas pelo autor, podemos obter um perfil mais completo do aluno, através dos seguintes procedimentos:

¹Palavra de origem inglesa que podemos traduzir como realimento ou comentário. No entanto, em nosso país utilizamos o termo em sua forma original (*feedback*), cujo significado seria o ato de realimentar o processo avaliativo, geralmente utilizado em diversas áreas do conhecimento.

a) Conselho de classe: "instrumento que visa traçar o perfil de cada aluno e do grupo" (SANT'ANNA, 1995, p. 87) em um momento em que todos os envolvidos no processo de ensino se reúnem para planejar o caminho pedagógico mais adequado para o aluno ou turma.

b) Pré-teste: "teste aplicado para averiguar pré-requisitos para aquisição de novos conhecimentos" (SANT'ANNA, 1995, p. 87). Pode, ainda, definir novos caminhos metodológicos ou formatos a serem seguidos, servindo de amostragem para o teste final. Podemos considerá-lo muito útil na avaliação formativa.

c) Auto avaliação: "instrumento capaz de conduzir o aluno a uma modalidade de autoconhecimento que se põe em prática a vida inteira" (SANT'ANNA, 1995, p. 87). É sempre uma excelente oportunidade para a consolidação das aquisições relevantes e reflexão sobre as lacunas a serem preenchidas. Geralmente adotada no final do processo da avaliação somativa, pode ser um momento apropriado para o *feedback*.

d) Avaliação cooperativa: "instrumento que oportuniza uma avaliação compreensiva, onde cada um contribui com os dados que possui, para conhecimento individual e grupal" (SANT'ANNA, 1995, p. 87). Procedimento útil no reconhecimento das lacunas e oportunidade para apresentar soluções, mudanças de direcionamento e necessidades para alcançar os objetivos traçados. Seria o ato de olhar o avaliado de forma crítica, porém, nunca preconceituosa, ou seja, com parâmetros preestabelecidos que rotulem o estudante. Deve funcionar como instrumento de coleta de dados, sendo, portanto, uma boa opção na avaliação diagnóstica.

Contemplarmo-nos do mesmo modo pelo qual os outros nos veem é uma das mais confortadoras dádivas. E não menos importante é o dom de vermos os outros, tal como eles mesmos se encaram.

[...]

Inquirição: Se desejarmos saber como as pessoas se sentem – qual sua experiência interior, o que lembraram como são suas emoções e seus motivos, quais as razões para agir como o fazem – por que não perguntar a elas? (SANT'ANNA, 1995, p. 87).

e) Inquirição: podemos utilizá-la como uma conversa franca em todo processo avaliativo. No entanto, caso ocorra no final (avaliação somativa), serve como oportunidade para fornecer o *feedback*.

f) Relatório: "constitui o registro de dados que expressam a comunicação dos resultados de planejamentos concretizados" (SANT'ANNA, 1995, p. 87). São adequados para gerar histórico de atividades e metas alcançadas, fornecendo um *feedback* para a instituição. Os dados diversificados, ao serem cruzados, fornecerão maior legitimidade ao processo avaliativo, em um processo global.

Geralmente, nesta etapa da avaliação, o relatório deve ser gerado a partir da prova

avaliada por banca examinadora, em que o aluno apresenta o programa exigido e os professores atribuem-lhe um conceito ou nota.

1.6 *FEEDBACK*

Como realimentador do processo, deve ser aplicado ao fim de cada ciclo, fornecendo ao aluno, ao professor e à instituição, condições do aprendizado e justificativas das didáticas escolhidas.

Feedback é importante para todos nós. É a base de todas as relações interpessoais. É o que determina como as pessoas pensam, como se sentem, como reagem aos outros e, em grande parte, é o que determina como as pessoas encaram suas responsabilidades no dia-a-dia. (WILLIAMS, 2005, p.19).

De suma importância para o aluno, esse procedimento fornece material de análise crítica em que aparecem os resultados, não apenas em números ou conceitos, mas em forma de relações com os objetivos traçados e os alcançados, falhas e lacunas observadas. Fundamentalmente, o que fazer para melhorar? Tem sido pouco compreendido e utilizado no âmbito musical; no entanto, poderia diminuir a sensação de subjetividade na avaliação da performance, deixando de apresentar apenas breves comentários, para apresentar comentários mais claros e objetivos. Ao observar os resultados no passado, o estudante terá oportunidade de prever o desempenho futuro, com novas perspectivas no aprimoramento da sua arte.

CAPÍTULO 2: AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA NA FAMES

Nesse capítulo, abordamos a avaliação diagnóstica aplicada aos alunos no momento da Prova de Habilidade Instrumental² (P.H.I.), trazendo sugestões de preparação e conduta para melhor aproveitamento nesse período que, normalmente, é de grande tensão para o avaliado.

Como já citado por Carolina Blaya (2007), essa modalidade tem como objetivos identificar as competências e integrar o aluno em um meio, ou seja, não rotular, mas nortear os processos pedagógicos a serem seguidos.

Podemos acrescentar que, nesse momento, o avaliador deve aplicar a sua sensibilidade e experiência, identificando potencialidades, além das habilidades básicas exigidas, pois a tensão a qual o candidato é submetido pode encobri-las.

2.1 INVESTIGAÇÃO DAS CONDIÇÕES DE PREPARAÇÃO PARA O EXAME P.H.I.

Para entender os processos que envolvem a avaliação diagnóstica e as possibilidades de sugestões questiona-se, inicialmente, a preparação do candidato para a Prova de Habilidade Instrumental (P.H.I.). Para nortear essa análise, selecionamos o período de 2012 a 2016 para aplicação aos candidatos aprovados no vestibular desse período, um questionário com 8 (oito) questões associadas à musicalização, à preparação ao P.H.I., orientação no curso e percepção de nível técnico-musical. Nesse quadriênio, a instituição teve 9 (nove) alunos aprovados, sendo 2 trompetistas, 1 trompista, 3 trombonistas e 3 tubistas (um trombonista e o trompista não responderam ao questionário).

Através da análise das respostas observou-se que a maioria teve sua iniciação musical em ambiente não formal (57,1%), sendo a banda de música e a igreja os principais formadores, apresentando uma média de três candidatos cada. Dois alunos relataram o início da formação musical em instituições simultâneas. Foram citados, além das bandas e igrejas, os projetos sociais, Curso de Formação Musical da Faculdade de Música do Espírito Santo e Escola de Música Villa Lobos (Rio de Janeiro). Enfatizamos, portanto, que o celeiro musical para o ingresso ao Bacharelado em Música na classe dos metais da FAMES é o próprio Curso de

²Prova de Habilidade Instrumental (P.H.I.) é a prova de instrumento/canto realizada como a terceira etapa do vestibular para os cursos de Bacharelado em Música da Faculdade de Música do Espírito Santo (FAMES).

Formação Musical (CFM) da instituição. As bandas e igrejas são locais onde, geralmente, a iniciação é feita informalmente, mas que observamos a falta de profissionais qualificados para o ensino da performance em instrumentos de metais.

Com relação à preparação para a P.H.I., constatou-se que a maioria se preparou na FAMES (71,4%). Dentre os sete candidatos que responderam ao questionário, cinco notaram falhas em sua preparação, porém não as identificaram. Dois candidatos não perceberam falhas, o que pode remeter à falta de orientação adequada ou à percepção de sua real condição técnico-musical, já que esses candidatos obtiveram nota de entrada 1,3 e 2,8 pontos em 10 possíveis.

A preparação para a prova deve ocorrer em diversas frentes, facilitando o desenvolvimento da percepção, compreensão e das qualidades técnico-musicais, já que “você aprende através de nervos sensoriais; você age através de nervos motores” (JACOBS in NELSON, 2006, p 20). Além da preparação técnica e musical, é necessária a preparação mental e física, fundamentais para o sucesso da performance. De acordo com Arnold Jacobs (*op.cit.*), a atenção extramusical na preparação motiva, gera confiança e coragem, além de melhorar o controle emocional. No entanto, nenhum dos candidatos citou haver-se preparado física ou mentalmente para a prova,

Quando se obtém eficiência na preparação, constata-se uma consciência técnico-musical, física e emocional do candidato, o que acaba gerando melhor desempenho e transmitindo tranquilidade.

De acordo com Hedi Salanki-Rubardt,

Cada estudante tem diferentes pontos fortes e fracos, diferentes abordagens de aprendizagem, diferentes reações à música em si e chega à universidade com um fundo diferente. Além disso, a performance da música é um esforço.
SALANKI-RUBARDT (pág. 2)

Sendo cada indivíduo diferente do outro, a preparação deve ser diferenciada, mas de que forma a instituição poderia desenvolver um direcionamento diferenciado a seus alunos para obter maior sucesso?

Pode-se entender que todos conseguiram uma preparação eficiente, já que alcançaram a aprovação no P.H.I., então, eficiência seria quando a organização, mapas mentais e construção da performance estiverem sincronizadas com as condições físicas e emocionais, gerando benefícios ao desempenho do candidato que conquistaria resultados melhores.

Dentre os candidatos aprovados, encontramos óbvia diversidade de níveis e preparação, como citado anteriormente, sendo que, quando preparados nos cursos da FAMES, os candidatos encontram à disposição disciplinas tradicionais da música como Instrumento, Percepção Musical, Canto Coral e Prática de conjunto (Banda de Sopros), essa última optativa,

o que lhes confere uma base educacional mais forte.

O edital de ingresso da FAMES expõe os critérios de avaliação da seguinte forma:

6.3. Para a avaliação da Prova de Habilidade Instrumental/Canto, a FAMES adota como critérios de referência:

Sonoridade: capacidade do aluno de expressar-se em diferentes sonoridades, de explorar diferentes níveis de intensidade sonora, e a capacidade de explorar timbres e texturas próprias do instrumento;

Expressividade: Capacidade de comunicar o caráter expressivo da música, de expressar-se em diferentes estilos e épocas e de produzir efeitos expressivos relativos ao timbre, altura, duração, andamento, intensidade, textura e silêncio;

Compreensão musical: capacidade de perceber formas musicais e demonstrar consciência dos aparatos idiomáticos de época e dos processos estilísticos;

Desempenho: envolvimento com a obra, equilíbrio dos domínios cognitivo, afetivo e psicomotor. (EDITAL FAMES, 2015)

De acordo com experiência docente, nota-se que essas habilidades exigidas podem ser alcançadas nas aulas de instrumento, contudo, a expressividade e compreensão musical seriam melhores desenvolvidas caso o estudante tenha tido acesso às aulas de História da Música, Análise Musical e Harmonia. Já para o desempenho, poderíamos oportunizar ao estudante matérias como Preparação para a *Performance* Musical, Música de Câmara e Técnicas Auxiliares para a Performance Musical.

A consciência desses critérios de avaliação deve ser trabalhada na preparação, possibilitando que o candidato fique seguro no momento da P.H.I. e, conseqüentemente, melhore a performance do repertório proposto.

A tabela a seguir apresenta o resultado da avaliação diagnóstica na P.H.I., transformada em números e retrata as respostas dos candidatos com relação à iniciação e preparação para o processo seletivo da FAMES.

ALUNO	NOTA	Início dos estudos	Preparação P.H.I.	Notou falhas na preparação
1	1,3	Formal/escola de música	Não respondeu à questão	Não
2	6,6	Informal/banda de música	Sozinho, através de vídeos	Sim

3	4,7	Informal/Igreja	CFM FAMES	Sim
4	2,3	-	-	-
5	2,8	Banda de escola/ Proj. Social	CFM FAMES	Não
6	9,4	-	-	-
7	9	Formal/escola de música	CFM/Pré Vestibular FAMES	Sim
8	9	Informal/ Banda e Igreja	CFM FAMES	Sim
9	9	Informal/Igreja	CFM FAMES	Sim

Tabela 1 - Preparação para P.H. I: Alunos 4 e 6 não responderam o questionário.

2.2 P.H.I. PARA A CLASSE DE METAIS DA FAMES

Para a prova prática, o candidato será avaliado pela execução de repertório preestabelecido, perante uma banca constituída por três examinadores, sendo um deles necessariamente professor do instrumento escolhido pelo candidato. Essa etapa é uma prova fechada ao público, tendo na sala de avaliação apenas o candidato e a banca examinadora.

Dentre o repertório exigido não há padronização de tempo, grau de dificuldade ou estilo entre os diferentes instrumentos, mostrando diversidade entre as necessidades de cada instrumento e heterogeneidade entre os professores da classe que estabeleceram o programa de seus respectivos instrumentos.

O edital para o vestibular do ano de 2012 não teve como exigência nota de corte, o que acabou gerando aprovações com notas baixas, podendo esse fato ter gerado uma hierarquia de excelência, que é descrita desta forma por Perrenoud:

A avaliação é tradicionalmente associada, na escola, à criação de hierarquias de excelência. Os alunos são comparados e depois classificados em virtude de uma norma de excelência, definida no absoluto ou encarnada pelo professor e pelos melhores alunos. Na maioria das vezes, essas duas referências se misturam, com uma dominante: na elaboração das tabelas, enquanto alguns professores falam de exigências preestabelecidas, outros constroem sua tabela a posteriori em função da distribuição dos resultados, sem todavia chegar a dar sistematicamente a melhor nota possível ao trabalho “menos ruim”. (PERRENOUD, 1999, p. 11)

Nesse caso, as notas baixas podem representar uma tabela conceitual, feita pelos professores que, sabendo das características do edital, nivelaram as notas para baixo, talvez dando a menor nota possível para a melhor prova e, conseqüentemente, baixando as demais. Nos vestibulares posteriores, as notas de corte foram instituídas e a pontuação alcançada pelos candidatos foi maior, como pode ser observado no quadro abaixo com as menores e maiores notas obtidas na P.H.I.

ANO	MENOR NOTA	MAIOR NOTA
2012	1,3	6,6
2013	9	9,2
2014	Não houve aprovados	Não houve aprovados
2015	Não houve aprovados	Não houve aprovados
2016	9	9

Tabela 2 Relação das maiores e menores notas por ano.

A prova prática é a terceira parte do processo seletivo na FAMES, sendo realizado após as provas de redação e teoria/percepção musical. Com relação ao repertório, não faremos análise de dificuldades, mas de tempo e variedade, como segue abaixo:

A) TROMPA (aproximadamente 25 minutos de prova)

O repertório consta de três peças eruditas de períodos distintos, não conta com estudos e leitura à primeira vista em sua avaliação, porém é o único que exige um concerto completo.

- LACERDA, Osvaldo – Melodia para Trompa – solo – 1975.
- SAINT-SAENS, Camille – Romance Pour Cor et Piano, op. 36.
- MOZART, W. A. KV 447 – Concerto n° 3 para trompa.

B) TROMPETE (aproximadamente 15 minutos de prova)

Com repertório diversificado, constituído de um movimento de concerto, um estudo e, ainda, uma obra de livre escolha brasileira e uma leitura à primeira vista. Apresenta quatro

opções de concerto em que o candidato deve apresentar um movimento à sua escolha.

- HAYDN – Concerto para Trompete;
- NERUDA – Concerto para Trompete;
- HUMMEL – Concerto para Trompete;
- ARATUNIAN, Alexander – Concerto para Trompete;
- CHARLIER, Theo – Estudos (escolher um estudo entre os de número 01 a 04);
- Peça Brasileira (livre escolha);
- Leitura à primeira vista.

C) TROMBONE (aproximadamente 15 minutos de prova)

Apresenta repertório composto de três estudos e uma peça, sendo diversificadas suas características como estilo, ritmos e andamentos.

- KOPPRASCH – Estudo nº 11;
- PERETTI – Estudo nº 24 (p. 50);
- ROCHUT – Estudo nº 9;
- SAINT-SAENS – Cavatine.

D) TUBA (aproximadamente 10 minutos de prova)

Repertório composto por um movimento de concertino, um estudo entre 43 possíveis à escolha do candidato e leitura à primeira vista, sendo diferentes com relação ao estilo, ritmos, dinâmicas e andamentos exigidos.

- ARTHUR FRACKENPOHL - Concertino para Tuba e Orquestra de Cordas – primeiro movimento;
- MARCO BORDOGNI - Um estudo à escolha do candidato;
- Uma leitura à 1ª vista.

Mesmo com pouco espaço no mercado de trabalho formal para os alunos do bacharelado em música no estado, os profissionais são absorvidos, geralmente, pela Banda de Música da Polícia Militar do ES (último concurso em 2008), pela Orquestra Sinfônica do ES (último concurso em 2005) e pela própria FAMES (último concurso em 1996). É relevante observar que o processo seletivo tem recebido um considerável número de candidatos que atuam com maior frequência no mercado informal, como, por exemplo, recepções, casamentos e projetos

diversos.

No quadriênio de 2012 a 2016, oito candidatos foram aprovados através de vestibular e um aprovado em reopção de curso, com transferência da licenciatura para o bacharelado da própria instituição.

Como citado anteriormente, no ano de 2012 foi adotado um processo seletivo classificado como inclusivo pela instituição, no qual o candidato seria aprovado com qualquer nota diferente de zero, o que gerou aprovações com notas mínimas como 1,3 em 10 pontos. Nos anos seguintes, a avaliação retornou ao formato anterior, apresentando notas muito superiores, chegando a 9,4 em 10 pontos.

Tamanha discrepância chamou a atenção para os critérios de avaliação utilizados na seleção e para o desenvolvimento desses alunos durante o primeiro semestre, normalmente o momento de adaptação, organização da estrutura de estudos, adequação técnica musical e direcionamento da carreira do estudante.

2.3 POSSIBILIDADES DE APERFEIÇOAMENTO NA PREPARAÇÃO E NA AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA

Sabendo que a maioria dos candidatos é oriunda dos cursos da própria instituição, seria fundamental uma reestruturação dos cursos básicos (Iniciação Musical e CFM), com oferta de disciplinas preparatórias e revisão nas ementas e planos de curso.

Atualmente, o curso de CFM erudito da FAMES é um curso de quatro anos de duração, tendo sua grade assim distribuída:

Matérias Obrigatórias	Matéria optativa
Percepção Musical 1, 2, 3 e 4	Orquestra Jovem de Sopros
Canto Coral 1, 2, 3 e 4	x
Instrumento 1, 2, 3 e 4	x

Tabela 3 Disciplinas atuais do CFM

Este estudo propõe mudanças na estrutura, com oferta de disciplinas e oficinas visando

preparar os alunos adequadamente para o seu futuro musical através do desenvolvimento técnico-musical.

Observa-se a necessidade de preparação extra musical³e de conhecimentos mais profundos de música para maior embasamento da performance. O Curso de Formação Musical Popular (CFM Popular), já oferece estudos em harmonia funcional e história da música. Outras disciplinas poderiam ser igualmente oferecidas em forma de oficinas, conforme proposta em seguida.

Matérias Obrigatórias	Oficinas
Percepção Musical 1, 2, 3 e 4	Música de Câmara
Canto Coral 1, 2, 3 e 4	Prática de Grandes Grupos
Instrumento 1, 2, 3 e 4	Preparação para a Performance Musical
História da Música 1 e 2	Técnicas Auxiliares à Performance Musical
Harmonia Funcional 1 e 2	x

Tabela 4 Proposta de disciplinas para o CFM

2.4 EMENTAS DAS OFICINAS

- Música de Câmara:

Grupos de câmara de instrumentos idênticos ou não, com no máximo 8 integrantes por grupo, nos quais serão trabalhados repertórios desde o nível iniciante ao intermediário com o intuito de desenvolvimento das habilidades básicas para a performance em grupo sem regente.

³ Consideramos neste caso atividade extramusical toda e qualquer interferência que não possui em seu princípio a arte dos sons, porém pode contribuir para seu desenvolvimento ou preparação, tais como: atividades físicas, treinamentos mentais e etc.

Desenvolvimento do pulso coletivo, afinação, sonoridade e estética musical seriam aquisições contempladas durante as aulas.

- Prática de Grandes Grupos:

Prática de grupos como banda de música, banda sinfônica, *jazz band*, orquestra sinfônica, dentre outras possibilidades, com a presença de um regente, cujo repertório será do nível iniciante ao intermediário.

- Preparação para a Performance Musical:

Disciplina teórico-prática com estudo destinado à preparação mental e física para a performance.

Técnicas Auxiliares à Performance:

Aulas práticas com técnicas respiratórias e dicção fonoaudiológicas, técnicas de expressão corporal como alongamentos, aquecimentos e relaxamento muscular. Conhecimento dos princípios da Técnica de Alexander, de Pilates, de RPG, e que normalmente são recomendadas aos músicos.

2.5 SUGESTÕES PARA O VESTIBULAR (P.H.I.)

O processo de seleção na admissão aos cursos de graduação faz-se necessário devido ao limite de vagas ou nivelamento de conhecimentos, utiliza-se então a Prova de Habilidade Instrumental nesse momento.

No caso específico dos candidatos aos cursos de metais, sugere-se um programa unificado, sendo esse adaptado às realidades de cada instrumento e público alvo, pelo professor da cadeira:

- Leitura à primeira vista; (1 min.);
- Um estudo (escolha direcionada – apresentação de listagem para que o candidato escolha uma peça para apresentar) (3 min.);
- Uma peça livre escolha (até 4 min.);
- Um movimento de concerto, sonata ou suíte (confronto predeterminado em edital).

Mantendo-se o que, originalmente, é estabelecido com relação à formatação da banca examinadora.

Vemos como uma habilidade primordial a boa leitura musical para o músico profissional, tornando indispensável que seja avaliada a leitura à primeira vista, já que o estudante utilizará esta ferramenta em ensaios, aulas e futuramente na vida profissional.

A ansiedade que acomete o candidato nessa ocasião, poderia ser minimizada, caso o mesmo obtenha poderia ser reduzida através de orientação adequada. Para tanto, saliento que, qualquer mudança nessa estrutura, deveria iniciar-se nos primórdios do estudo, fortalecendo e reestruturando a preparação nos cursos de formação da FAMES. Posteriormente, poderia ocorrer uma modificação do modelo do vestibular e para possibilitar o ingresso de alunos mais capacitados para o curso de bacharelado em música nos instrumentos da classe de metais.

CAPÍTULO 3: AVALIAÇÃO FORMATIVA NA CLASSE DE TUBA DA FAMES

O desenvolvimento das habilidades técnico-musicais, adaptação de repertório e estímulos utilizados para o crescimento do aluno são alguns dos aspectos tratados neste capítulo com enfoque na formação do indivíduo, visando sua vida acadêmica e profissional.

Como, professor de tuba, apresento nesse capítulo uma proposta de Avaliação Formativa na classe desse instrumento da FAMES, com a finalidade de construção das habilidades necessárias para o aprimoramento técnico-artístico do estudante. O primeiro período do curso é de fundamental importância para que o estudante solidifique suas habilidades, coordenando as atividades pedagógicas e adequando o repertório de acordo com as suas necessidades e escolhas.

3.1 ESCOLHA DO REPERTÓRIO E METODOLOGIA APLICADA NO PRIMEIRO SEMESTRE

O primeiro período de curso pode ser considerado o momento mais adequado para a definição das formas/métodos de trabalho, norteando a pedagogia dos semestres seguintes, e auxiliando na seleção de repertório apropriado.

Consideramos como uma Avaliação Formativa:

... a forma de avaliação em que a preocupação central reside em coletar dados para reorientação do processo de ensino-aprendizagem. Trata-se de uma "bússola orientadora" do processo de ensino-aprendizagem. A avaliação formativa não deve assim exprimir-se através de uma nota, mas sim por meio de comentários. (BLAYA, 2007 *apud* Oliveira, 2008 p. 5).

Quanto a esse período avaliativo, planeja-se orientar o aluno através de material de apoio e escolha do repertório de acordo com o nível técnico-musical.

A avaliação formativa está diretamente relacionada à aprendizagem. Do ponto de vista pedagógico, é igualmente relevante atenção que deve ser dada fatores emocionais envolvidos na arte musical. A confiança e a motivação são fatores absolutamente necessários na

performance musical, podendo ser adquiridos, por exemplo, na adequação do repertório ao nível do aluno ou na preparação para a apresentação.

Ao aplicar a avaliação formativa na FAMES, serão identificadas as posições da instituição e dos alunos durante o primeiro período do curso de bacharelado em instrumentos da família dos metais (trompete, trompa, trombone e tuba), fazendo uma relação quantitativa e qualitativa desse processo, no entanto será apresentado o programa e sugestões direcionadas para a classe de tubas.

3.2 A AVALIAÇÃO FORMATIVA SEGUNDO OS ASPECTOS NORMATIVOS DA FAMES

Os aspectos conceituais e normativos da FAMES são apresentados no Manual do Professor 2016 explicados da seguinte forma:

Avaliação sistemática - prioriza, além da avaliação dos aspectos cognitivos, a observação e os registros cuidadosos e sistemáticos que possibilitem o estudo do processo evolutivo do sujeito da avaliação, numa percepção sistêmica

Avaliação global - não se limita aos aspectos cognitivos, mas inclui atitudes, comportamento e habilidades;

Processo contínuo – por se tratar que a avaliação da aprendizagem está inserida ao longo do processo e não situada em momentos específicos (ao final de cada unidade ou do semestre); (MANUAL DO PROFESSOR FAMES 2016, p. 10)

A concepção da instituição confunde a avaliação sistemática com a avaliação formal, ou seja, tradicionalmente utilizada, nos estabelecimentos de ensino em geral, cujo ciclo é encerrado por uma prova final. Quando se aplica o termo "global" para classificar a avaliação, supõe-se que, no caso dos alunos de música, não serão observados apenas técnica e nível musical. Outros fatores seriam incluídos como disciplina, organização, empenho e dedicação. Se o processo é contínuo, então estamos nos referindo à avaliação formativa. No entanto, de acordo com PERRENOUD (1999 p.80): “Nem toda avaliação contínua pretende ser formativa. ” Por vezes o termo contínua é associado à avaliação formativa, no entanto quando se avalia de forma contínua, porém com caráter classificatório ou comparativo entre os pares e sem viés pedagógico, perde-se o caráter formativo.

Através dos alunos participantes da pesquisa, obtivemos dados relevantes com relação

à atuação de seu professor na identificação de problemas. Foram apresentadas soluções durante o semestre, dentre elas, alterações ou adequações do programa com intuito de promover melhor desempenho.

Toda ação pedagógica repousa sobre uma parcela intuitiva de avaliação formativa, no sentido de que, inevitavelmente, há um mínimo de regulação em função das aprendizagens ou, ao menos, dos funcionamentos observáveis dos alunos. (PERRENOUD 1999, p 14)

A avaliação formativa, é fundamental para a direção dos trabalhos do aluno. É o momento para novas visões e exigências que devem ser determinadas pelo professor com sabedoria, adequando o repertório e possibilitando recursos mais eficientes técnico-musicais

Quando um artesão modela um objeto, não deixa de observar o resultado para ajustar seus gestos e, se preciso for “corrigir o alvo”, expressão comum que designa uma faculdade humana universal: a arte de conduzir a ação pelo olhar, em função de seus resultados provisórios e dos obstáculos encontrados. (PERRENOUD 1999, p. 14 e 15)

É necessário conscientizar o aluno da relevância do desenvolvimento artístico para a excelência profissional.

3.3 EMENTA, CONTEÚDO PROGRAMÁTICO, O CURSO DE TUBA E SUAS POSSÍVEIS ADEQUAÇÕES

A introdução de uma pedagogia diferenciada e de uma avaliação formativa leva, cedo ou tarde, a mexer nos programas. Inicialmente, para abreviá-los, para extrair sua essência: não podemos cobrir um programa excessivamente sobrecarregado senão nos resignarmos com o êxito de uma importante fração dos alunos. (PERRENOUD 1999, p. 153)

Ao notar esta necessidade de modificar o programa tradicional, no considerando a aplicação da avaliação formativa, apresentamos aqui algumas possibilidades.

Quando questionamos os estudantes sobre o conhecimento da ementa e o conteúdo programático da disciplina Instrumento I, apenas 42,8% informaram o conhecimento mesmo tendo recebido o manual do estudante com tais informações e orientados para consultá-lo após o início do semestre letivo.

INSTRUMENTO I: Formação sistemática e progressiva do conhecimento prático, técnico-interpretativo e histórico para o desempenho no Instrumento [...] Prática e apreciação de repertório, de diferentes períodos históricos, da música brasileira e mundial. (MANUAL DO PROFESSOR, 2016, p 28)

Baseado nessa ementa, durante o primeiro período, o aluno de Bacharelado em Tuba da

FAMES deve apresentar nas aulas de instrumento, com carga horária de 30 horas, o seguinte conteúdo programático com as seguintes obras preestabelecidas:

8 (oito) Estudos do M. Bordogni: *43 Bell Canto for Tuba*; estudos melódicos em que, além de abordar as questões interpretativas, são trabalhados fundamentos básicos nos instrumentos de metais como, por exemplo, fluxo de ar, apoio da coluna de ar, vibração labial, pronúncia e legato;

8 (oito) Estudos do C. Kopprasch: *60 Selected Studies for BB Flat Tuba*; estudos técnicos com articulações e intervalos para o desenvolvimento da leitura no instrumento.

Uma obra brasileira. De Heitor Villa-Lobos, a Ária da Bachianas nº 5 (tuba e piano), cujos objetivos seriam a aplicação dos conceitos apreendidos nos estudos do M. Bordogni, como a condução do ar e conexões entre as notas, o legato e afinação em conjunto

Uma obra estrangeira. De A. Frackenpolh, Concertino para Tuba e Orquestra de Cordas. Através dessa obra procura-se observar que no primeiro movimento apresenta caráter mais rítmico e articulado, o segundo, lento e legato, é semelhante aos estudos de M. Bordogni, e o terceiro, uma mistura das características dos dois primeiros, em compasso composto e em andamento mais rápido, exigindo do aluno aplicação das técnicas trabalhadas;

Essas obras preestabelecidas podem sofrer alterações de acordo com as necessidades do aluno, no entanto, desde o início devem ser aplicados exercícios de respiração, como os sugeridos por Pilafian e Sheridan (2002, p.8). Tais exercícios devem ser feitos em pé, em inspirações sincronizadas com o movimento de levantar os braços lateralmente e expirações com o movimento de abaixar os braços. Os movimentos podem ser coordenados uma divisão de tempos com 6, 7, 8, 9 e 10 tendo o metrônomo regulado com 60 BPM. Esses exercícios de respiração são voltados para o condicionamento e controle da respiração.

Os mesmos autores apresentam também (p. 9) exercícios que denominados de avião de papel, dardo e arco e flecha. Em cada um destes é orientada uma velocidade de ar para simular o movimento destes objetos, sendo o avião de papel o representante da dinâmica *piano* (*p*), com um movimento de ar mais suave e constante ensinando o corpo como proceder para sustentar o ar nesta dinâmica. O dardo, objeto um pouco mais pesado, precisa de mais ar para o “sustentar”, representando a dinâmica *mezzo forte* (*mf*). Na simulação do arco e flecha, nota-se claramente a necessidade de maior movimento do ar e de maior gasto de energia,

representando a dinâmica *Forte* (*f*), quando o músico precisará soprar com maior velocidade e maior sustentação do fluxo de ar. Esse último exercício objetiva o aprendizado de diferentes níveis de energia e velocidade de ar, de acordo com a dinâmica a ser tocada. Na tuba isso é muito significativo, já que o instrumento, dentre os metais, é o que utiliza maior volume de ar.

No exercício proposto por Bobo (1999, p. 9), com o objetivo de condicionar a velocidade do ar de acordo com a dinâmica, proporcionando controle nas mudanças de fluxo, o autor orienta a exalar dentro do instrumento, inspirando sempre profundamente e movimentando muito ar, sem fazer diminuendos. O exercício consiste em soprar durante dois tempos (metrônomo =40 BPM) e precedido de um tempo para inspirar, imaginando dinâmicas fortes. No exemplo de compasso ternário, alterna-se da seguinte forma: quatro compassos sem acionar os pistons, quatro acionando todos os pistons do instrumento, fazendo em seguida três e três compassos, dois sem acionar os pistons e dois acionando com repetição desta sequência. Finalmente, alternando um sem acionar e outro acionando por oito compassos. Nesse exercício o autor recomenda fazer com metrônomo = 40 BPM. No entanto, de acordo com experiências didáticas, nota-se a frequente necessidade de adaptá-lo às condições físicas do aluno, iniciando com o metrônomo mais rápido e reduzindo pouco a pouco. O objetivo principal é movimentar o ar e conhecer a pressão interna do instrumento.

Estes estudos podem ser considerados preparatórios para o desenvolvimento das fundamentações básicas na aprendizagem de um instrumento de metal. Para obter qualidade sonora é recomendável trabalhar os fundamentos do instrumento de metal tratados por Arnold Jacobs, como força motora que é o ar em movimento, vibração (os lábios vibrando dentro do bocal) e a ressonância (projeção do som pelo instrumento).

Além da respiração indicamos a aplicação dos estudos de vibração labial (Buzz) de Arnold Jacobs, (Fig.1) apresentado por Nelson (2006, p 72). Com auxílio do bocal, procura-se melhor som e afinação, sendo recomendado fazê-lo em várias tonalidades, podendo ser alternado com o instrumento ou com auxílio de um diapasão ou piano. O objetivo desses exercícios é o desenvolvimento da produção sonora e método essencial para melhor qualidade do som.

Tuba

Special Studies for the Tuba

1. Mouthpiece Drill (NELSON 2006 p. 72) Arnold Jacobs

©2017 gladson.leone@gmail

Fig. 1 - Exercícios de Vibração Labial (buzz) de Arnold Jacobs em NELSON (2006, p. 72).

Incluimos, ainda, estudos de escalas, arpejos, articulação, flexibilidade e melódicos de vários autores, como, por exemplo: J. B. Arbans, *Complete Method for Tuba*, transcrito e editado pelo Dr. Jerry Young/Wesley Jacobs, Fink: *Studie in Legato* e Vladislav Blazhevich: *70 Studies for BBb Tuba* (volumes I e II).

Durante a avaliação formativa, o professor pode averiguar o cumprimento do programa,

e a necessidade de adequação do mesmo à realidade do aluno. Com relação a essas questões, 71,5% dos alunos da classe de metais que participaram da pesquisa afirmaram ter cumprido todo o programa, 14,25% informaram que cumpriram com adaptações e 14,25% não responderam.

Como a maioria cumpriu de forma integral o programa exigido, podemos concluir que o repertório não está discrepante se comparado à exigência da prova de entrada, o que pode ser constatado nos 71,5% dos alunos que não notaram diferenças de nível entre o repertório da P.H.I. e o programa do curso do primeiro período.

3.4 HABILIDADES AUXILIARES E PROPOSTAS PEDAGÓGICAS

Tendo como base minhas experiências como docente complementada por uma bibliografia específica de performance, percebe-se que o primeiro semestre letivo seria o melhor momento para orientar o aluno a se capacitar e adquirir habilidades que o auxiliem, proporcionando tranquilidade e equilíbrio no momento de palco.

Barry Green (2003pág. 123) trata da preparação mental e física como caminhos para alcançar qualidade na performance, salientando atividades desenvolvidas por intérpretes de excelência, como, por exemplo, no capítulo denominado “Paixão”, em que propõe a criação dos “Espaços Sagrados” respondendo a seguinte questão: “Qual é a experiência musical mais apaixonada e memorável que eu já tive?”

“Com imaginação, você pode criar um ambiente sagrado tão cheio de sentimentos e sentido que pode transformar qualquer sentimento de dúvida, ansiedade ou perda de confiança. E este é um segredo que os artistas, músicos e poetas, talvez, saibam melhor que a maioria: a imaginação não é uma rede virtual de ilusão, ela tem o poder de transformar a realidade.” (GREEN, 2003, pág. 126)

O intuito de preparar mentalmente o estudante para a performance, aumentando o nível de concentração e aprimorar a apresentação musical, lhe proporcionando conforto, consciência e prazer no momento musical.

A adequação de repertório, ocorrida na classe de tubas em períodos anteriores ao recorte da pesquisa, tratava a falta de habilidades ou compreensão impossibilitando a apresentação com a qualidade do repertório proposto. Nos últimos anos observamos um aumento qualitativo significativo na classe, com possibilidade de aumentar o nível de exigência e dificuldade do repertório. Atribuímos tal resultado pela maior procura nos cursos básicos proporcionando um nível melhor de preparo no ingresso ao bacharelado.

A avaliação formativa na música poderia ser mensurada por habilidades adquiridas e ciclos completos ao invés de notas, como habitualmente é feito. Um sonho, uma utopia para os padrões adotados na instituição, mas uma possibilidade real para a arte. O curso poderia ser dividido em etapas, como por exemplo nesta primeira:

1. Princípios básicos do Instrumento:
 - Força motora (respiração/ar em movimento);
 - Vibração (buzz);
 - Ressonância (qualidade do som);
- 1.1. Postura e condicionamento físico;
- 1.2. Escalas e Arpejos Maiores em duas oitavas até andamento Moderato;
- 1.3. Legato, staccato simples;
- 1.4. Preparação mental;
- 1.5. Repertório com este nível de escrita em estilo Clássico ou Romântico.

O estudante, conseguindo apresentar esses conceitos com qualidade, passaria para o próximo ciclo, não sendo necessárias provas e, sim, recitais com repertório que apresentasse os conceitos. Ao final, sugerimos um parecer de apto ou não apto a seguir para o próximo nível.

CAPÍTULO 4: AVALIAÇÃO SOMATIVA

A avaliação somativa seria uma oportunidade proveitosa para aferição das condições de palco, para a observação da reação do público diante das apresentações, mas não deve ser elevada à condição de “maior importância” para o sistema avaliativo da instituição. A hierarquização dos alunos, classificando-os do “melhor” para o “pior”, compromete o processo pedagógico culminando em rótulos e segregação do indivíduo.

A prova mediante banca é o instrumento avaliativo usado como ferramenta pela instituição, outro fator gerador de estresse, já que os alunos serão avaliados pelos demais professores do departamento e não apenas pelo seu orientador.

A definição de avaliação somativa apresentada por GIL (2006) é descrita como:

Uma avaliação pontual, que geralmente ocorre no final do curso, de uma disciplina, ou de uma unidade de ensino, visando determinar o alcance dos objetivos previamente estabelecidos. Visa elaborar um balanço somatório de uma ou várias sequências de um trabalho de formação e pode ser realizada num processo cumulativo, quando esse balanço final leva em consideração vários balanços parciais. (GIL, 2006, p. 248).

Nesse caso, torna-se inevitável, conforme as escolhas institucionais, aplicá-la com eficiência e clareza propiciando ao aluno condições de revisão e reflexão do desempenho. Não significaria somente uma nota ou conceito. Dessa forma, a avaliação da performance musical poderia auxiliar tanto os alunos, quanto os professores, além de fortalecer pedagogicamente as instituições de ensino. O *feedback* fornecido aos alunos seria mais efetivo, ligando este aprendizado a todo o curso.

Propõe-se, em uma perspectiva pedagógica e aplicando a avaliação de forma adequada e abrangente, bases sólidas para um trabalho formativo e contínuo, não desvinculando um ciclo ao outro. O primeiro semestre é o passo inicial para se alcançar a excelência nos semestres seguintes e no recital de formatura, momento em que ocorre a prova final no curso de música, na qual é fundamental que o formando obtenha um bom desempenho. Essa matéria é lecionada diferenciadamente das aulas de instrumento no programa da FAMES, o que disponibiliza mais 15 horas de orientação no oitavo período.

4.1 NORMAS E FORMAS DA AVALIAÇÃO SOMATIVA NA FAMES

De acordo com as normas institucionais apresentadas aos professores através do Manual do Professor, o docente distribui dez pontos em sala de aula por bimestre e aplica a média

aritmética. Dez pontos são atribuídos pela média das notas dos professores da banca final sendo feita nova média aritmética que representa a nota final.

Quanto ao aspecto normativo:

A avaliação da aprendizagem é regulamentada conforme a legislação em vigor e as determinações regimentais da FAMES. São elas:

- É aprovado o aluno que obtiver:
 1. Média semestral igual ou maior que 06(seis) e frequência igual ou superior a setenta e cinco por cento.
 2. Média final, após avaliação final, igual ou superior a 05(cinco) e frequência igual ou superior a setenta e cinco por cento. (MANUAL DO PROFESSOR, 2017, P 11)

O aluno precisar alcançar nota igual ou superior a 60% em cada uma das etapas. Analisando a norma, vemos que o aluno teria possibilidade de aprovação, obtendo 60% em uma dessas etapas e 50% em outra, por exemplo, obtendo média final de 55%. Outro fator a ser considerado, é o registro que deve constar na ficha de liberação, a média da banca e o resultado final ficando desconsiderada a avaliação do professor feita em sala.

No entanto, o Projeto Pedagógico do Curso de Bacharelado (PPC), que é o documento que regulamenta e norteia a avaliação do curso, segundo o Regimento Interno da FAMES, apresenta versão diferente para as médias a serem alcançadas pelo estudante, apresentando a seguinte orientação:

- Exclusivamente, em relação às disciplinas instrumento/canto, o aluno não está dispensado da prova final, ocasião em que as obras estudadas, são avaliadas por Banca Examinadora, sendo que a aprovação do aluno se faz mediante uma média final resultante da média aritmética estabelecida pela Banca e a média estabelecida pelo professor responsável pelo aluno, durante o semestre.
- A média de aprovação será sempre seis (6,0). (PPC, 2011, p. 84).

Esta norma é divergente com relação à média final apresentada em dois documentos da instituição, tendendo a gerar dúvidas quanto à média a ser considerada. O Manual do Professor e o Manual do Aluno são documentos entregues pela FAMES aos seus docentes e discentes para orientação e verificação dos procedimentos avaliativos.

Com relação à avaliação ser contínua, podemos observar que, como foi observado e citado por Philippe Perrenoud (1999 p.80), a avaliação contínua deve ser formativa. Notamos que, apesar de ser considerada pela instituição como um processo contínuo, a nota da prova de banca é o objetivo final.

De acordo com Perrenoud:

...é uma fonte de angústias para os alunos com dificuldade e até para os demais, que não têm grande coisa a temer, mas não o sabem.... Também é uma fonte de estresse e desconforto para uma parte dos professores, que não gostam de dar notas.
PERRENOUD (1999 p. 156)

A liberação de repertório⁴ possui peso superior à avaliação formativa, já que, independentemente da nota do professor durante o curso, a pontuação de sua liberação de repertório deve ser igual ou superior a 60% para aprovação ao próximo período. É um procedimento adotado para o exame final, formato tradicional utilizado na estruturação dos cursos de bacharelado em música da FAMES. Isso explica a angústia que tende a gerar uma avaliação, que em apenas alguns minutos, terá que apresentar tudo o que apreendeu durante o semestre e que caso não seja esta apresentação satisfatória para a banca, estará reprovado.

4.2 QUANDO E COMO OCORREM AS LIBERAÇÕES DE REPERTÓRIO

Geralmente ocorrem duas oportunidades para a liberação do repertório, que nada mais é que a prova final, nos dois últimos meses de cada semestre letivo. Essas datas são móveis e normalmente ocorrem com intervalo de 30 dias. São provas nas quais o aluno apresenta o repertório do período, fazendo pequena explanação sobre o compositor e a obra.

Essa apresentação, apesar de aberta ao público, e ocorrendo geralmente na Sala de Concerto Alceu Camargo, não é divulgada internamente o suficiente e não há nenhuma divulgação externa. São realizadas em horário de aula da maioria dos estudantes e professores, o que faz com que o público seja formado apenas pelos colegas que irão fazer a prova no mesmo dia e a banca examinadora.

4.3 INCONSISTÊNCIA NA AVALIAÇÃO

Nessas provas, por tradição, utiliza-se basicamente a partitura como referência, mas pouco é informado com antecedência à banca a respeito do repertório que será apresentado. Baseado nessa rotina, Winter e Silveira discorrem que:

Embora a partitura contenha elementos essenciais a partir dos quais o intérprete vai iniciar seu trabalho interpretativo, esta não tem a capacidade de fornecer a totalidade de informações que estão presentes na execução musical. (WINTER e SILVEIRA, p. 2, 2006)

A avaliação musical poderá ser inconsistente se utilizar apenas a partitura como referência. Devemos considerar o contexto histórico e as possibilidades interpretativas que podem ser subjetivas ou não explicitadas na partitura.

⁴ Liberação de Repertório: nome utilizado pela FAMES para a Prova Final, que é realizada avaliação através de banca formada por professores do mesmo departamento, nesse caso tratado os Sopros e Percussão.

Para que o trabalho envolvido no processo de ensinar um instrumento nos seus diversos níveis – leitura, obediência e desobediência à partitura, decisões técnico-interpretativas, gestual e interação com o público – não se perca na efemeridade dos concertos ou na frágil transmissão oral de conhecimentos das salas de aula, o professor de música deveria fazer um hábito constante da documentação da arte de “fazer soar a música”. Nesse sentido, os professores de instrumentos, canto e regência deveriam estabelecer uma rotina de documentação de sua metodologia da *performance* em texto escrito ou em gravação sonora. (BORÉM 2006 p. 46).

De acordo com este autor, podemos criar esses parâmetros na avaliação da *performance* musical para torná-la menos subjetiva, adequada e educativa e que devem ser constantemente aplicados na avaliação somativa.

A avaliação deve ser ajustada de acordo com o repertório e o nível do aluno. Como é de amplo conhecimento, cada estudante, com suas características próprias, pode apresentar dificuldades ou facilidades em determinadas áreas o que justifica a preocupação de adequar a obra ao aluno.

A utilização da tecnologia como, por exemplo, gravações de áudio para análise espectral e sonora, vídeos para análise postural e de presença de palco, além de outras que possam auxiliar na aprendizagem, é uma possibilidade rica e versátil, podendo ser utilizada nas aulas para auxílio da preparação e nas avaliações para comparação dos objetivos traçados com os alcançados.

Como surgem situações diferenciadas no ensino individual de música, podemos utilizar diversificados instrumentos, propiciando maior segurança e adequação ao processo avaliativo. Na avaliação da classe de metais, já ocorre como hábito, um parecer dos professores ao fim de cada prova, fornecendo um *feedback* verbal, porém insuficiente ao estudante, já que o mesmo não possui condições de rever estes comentários e nem compará-los ouvindo sua *performance*.

4.4 COMPARATIVO DOS RESULTADOS DA AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA E SOMATIVA NO PERÍODO DE 2012 A 2016 APLICADAS À CLASSE DE METAIS DA FAMES

Nesse último momento avaliativo, observamos diferenças entre as notas de entrada (P.H.I.) e avaliação somativa (fim de semestre) dos alunos de 1 a 5, demonstrando o que pode ser considerado como uma melhora na preparação da *performance*, conforme o gráfico a seguir:

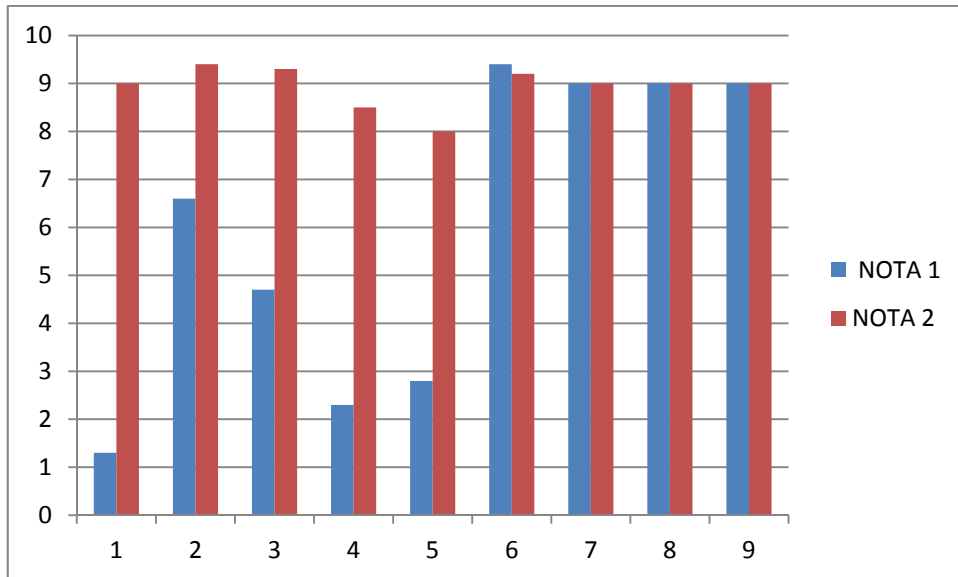


Gráfico 1. Sendo a NOTA 1 referente à pontuação alcançada na Avaliação Diagnóstica (P.H.I.), e NOTA 2 a pontuação da Avaliação Somativa.

Mais uma vez apontamos que os alunos de 1 a 5 foram os participantes do vestibular no ano de 2012 (Capítulo 2). Os demais estudantes não apresentaram variação em suas notas, com exceção do aluno 6 que teve queda em sua pontuação.

Dentre os alunos, os que estão representados pelos números 2 e 3, entenderam que ingressaram em momento não propício, com deficiências que deveriam ser resolvidas. Os demais entenderam estar plenamente preparados para o desafio do curso superior em música.

O planejamento de curso é instrumento que o professor e a instituição apresentam, ao aluno, transmitindo segurança e responsabilidade na graduação. Quando iniciado o curso, o educador, organizando uma tabela das atividades juntamente com o aluno, poderá organizar seu tempo de forma a aproveitá-lo da melhor maneira, inclusive para resolver os problemas ou falhas de base.

4.5 PROPOSTAS PARA A AVALIAÇÃO SOMATIVA DA FAMES

Visando um melhor aproveitamento dessa etapa avaliativa, apresentamos como proposta a distribuição das notas em pontos, ocorrendo soma simples ao invés de médias. Sendo o semestre letivo dividido em quatro momentos avaliativos, seriam estes divididos em partes iguais, conforme o quadro de notas abaixo:

1º Bimestre	2º Bimestre	1ª Liberação	2ª Liberação
25 pts	25 pts	25 pts	25 pts

Tabela 5 Sugestão de divisão da pontuação no semestre

Observamos no quadro acima, que as notas estão distribuídas em pontos e não mais porcentagens. Sendo assim, a soma dessas notas seria 100 pontos.

Quanto à explanação oral que ocorre atualmente antes das provas, recomenda-se ampliá-la com a produção de um artigo de 5 a 10 laudas, tratando as questões do repertório, autores e preparação para a performance, que poderia ser aproveitado para publicação nas revistas da instituição e enriquecimento do TCC⁵, obrigatório para conclusão do curso. Além de contribuir para a ampliação de conhecimentos, tende a servir de preparação para o estudante continuar seus estudos em cursos de pós-graduação.

Para o aprimoramento do *feedback* que ocorre através de breves comentários da banca ao fim da avaliação, seria mais eficaz que esse parecer fosse gravado juntamente com a apresentação com a partitura sinalizada de apontamentos individuais dos professores. O estudante teria este material para análise e com auxílio de seu orientador, buscaria soluções para as questões levantadas. A gravação poderia ser utilizada em software de espectrografia, podendo trabalhar afinações e timbres, além de correções rítmicas e agógicas.

Esses fatos disponibilizariam material de consulta que pode auxiliar na continuidade e progressão dos conhecimentos do aluno, evitando-se assim erros repetitivos ou recorrentes, promovendo a mudança de procedimentos quando necessário.

Uma possibilidade mais adequada aos conceitos formativos seria a substituição das provas finais pelos recitais, que poderiam ser apresentações com um número maior de obras para apresentações públicas com ampla divulgação interna e externa, de preferência em horários favoráveis para promover maior interação do estudante com público, expondo à sociedade o trabalho desenvolvido. Uma iniciativa seria implantar esse sistema que prioriza a formação ao invés de simplesmente obter nota de aprovação, oferecendo ao estudante a oportunidade de rerepresentar obras nas quais não conseguiu nível de excelência, encorajando-o a melhorar sua performance.

A média das notas é obtida através dos valores atribuídos por três professores do departamento, que receberiam previamente o programa dos recitais para favorecer o conhecimento do que será avaliado. O orientador do aluno não forneceria notas nos recitais, sendo os pontos distribuídos da seguinte forma:

⁵ TCC: Trabalho de conclusão de curso, que na graduação da FAMES tem sido aceito os formatos de artigos científicos ou monografias.

Professor 1	Professor 2	Professor 3	Aluno
0 a 5 pts	0 a 5 pts	0 a 5 pts	0 a 5 pts

Tabela 6 Divisão de Notas nos Recitais

Todas as notas devem ser justificadas para utilização no feedback. O aluno faria uma auto-avaliação, também justificada. Esse fato dividiria a pontuação e sua responsabilidade entre o corpo docente e discente. O orientador seria o avaliador do progresso em sala de aula e desenvolvimento geral, ocorreriam, assim, cinco momentos avaliativos.

Avaliação 1	Avaliação 2	Avaliação 3	Avaliação 4	Avaliação 5
Orientador	Recital 1	Recital 2	Recital 3	Orientador
0 a 20 pts	0 a 20 pts	0 a 20 pts	0 a 20 pts	0 a 20 pts

Tabela 7 Divisão de avaliações, com divisão de pontos no Semestre

O orientador daria uma de suas nota após o último recital, pois:

Até o final dos estudos, e mesmo depois, ninguém pode estar certo de que uma falta de excelência [...] manifesta uma verdadeira falta de competência e menos ainda uma real “inaptidão para aprender”. (PERRENOUD, 1999, p 43)

Entende-se que essa proposta propiciaria a análise de forma mais efetiva e ampla de todo o desenvolvimento técnico-musical apresentado pelo estudante, podendo ainda, organizar mudanças e correções para o semestre seguinte baseando-se no feedback de todas as avaliações.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo avaliativo inicia no momento em que um indivíduo observa o outro e analisa suas atividades. Na performance musical de um estudante de música, podemos avaliar, principalmente, o domínio técnico, estilístico, a criatividade e a adequação do repertório exigido. No entanto, essa avaliação pode se tornar uma ferramenta didática com possibilidades para aprimoramento do estudante considerado em desenvolvimento. É nesse aspecto que vemos o professor/avaliador como um verdadeiro educador e não apenas um transmissor de conhecimento.

Quando o processo avaliativo ocorre com intuito pedagógico, fornece diversas possibilidades para as etapas posteriores, possíveis revisões nos processos didáticos e metodológicos do professor, assim como adequações da instituição à realidade da comunidade acadêmica. A conscientização da relevância do processo avaliativo permite novas condições favoráveis de trabalho, tanto para o professor como para o aluno.

A preparação para o vestibular no CFM da FAMES é onde deve iniciar qualquer mudança em programa ou formato dos cursos da instituição, focar no ensino e preparação para uma vida acadêmica e profissional, levando o estudante a reconhecer essa postura em todas as disciplinas desse curso.

É de suma importância o fortalecimento dos cursos de base da FAMES, pois eles fornecem bagagem necessária para o aluno adquirir as aptidões exigidas na Prova de Habilidades Instrumentais. Sugere-se, para tanto, a reestruturação e oferta das disciplinas conforme descrito no Capítulo 2. A constituição de núcleos de formação musical no interior do estado, como opção de atividade de extensão para os alunos da graduação, recebendo bolsas para atuarem no magistério, também seria uma opção para atender a demanda de alunos carentes.

Sabendo da subjetividade ou variantes que podem vir a ocorrer durante a avaliação da performance, devemos criar parâmetros que podem ser construídos coletivamente caso a instituição forme bancas fixas, fator que gera maior conforto aos envolvidos no processo. Melhores condições de avaliar o desenvolvimento do estudante de um semestre a outro assim como receber *feedbacks* construtivos durante sua jornada acadêmica são as propostas que sugerimos neste trabalho.

A orientação para uma avaliação adequada e consciente poderia ser fornecida aos professores da FAMES, como em qualquer instituição de ensino, através de palestras e seminários. Evidencia-se, portanto, que a orientação de docentes para uma avaliação fundamentada em critérios pedagógicos que refletem no processo de aprendizagem, pode resultar em melhor desempenho e crescimento artístico/musical do estudante.

Finalmente, dentro da nossa visão do processo avaliativo tratado neste trabalho, ressaltamos a relevância da performance como atividade indispensável a todos que se propõem a uma carreira musical, seja como intérprete, professor ou ambos.

6 REFERÊNCIAS

BLAYA, Carolina. Processo de Avaliação. Disponível em http://www.ufrgs.br/tramse/med/textos/2004_07_20_tex.htm. Visualizado em 24 de setembro de 2007.

BOBO, Roger. Mastering the Tuba: Complete book. Vuarmarens, Switzerland. Edition BIM, 1999.

BOREM, Fausto. Por uma unidade e diversidade da pedagogia da performance. Revista da ABEM, Porto Alegre, V. 13, 45-54, março 2006.

DEMO, Pedro. Avaliação qualitativa. 6ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1999.

ENCONTE, Délcia et al. Planejamento de ensino e avaliação. Porto Alegre: PUC, 1975.

FAMES. Edital de Seleção ao Vestibular, 2016. Disponível em: <http://www.fames.es.gov.br/uploads/concurso/edital-processo-seletivo---graduacao-fames---para-2016.pdf>. Visualizado em 07 de janeiro de 2017.

_____. **Manual do Aluno da FAMES**, 2016.

_____. **Manual do Professor da FAMES**, 2016.

_____. **Manual do Professor da FAMES**, 2017.

_____. **Projeto Pedagógico do Curso (Bacharelado FAMES)**. <http://www.fames.es.gov.br/uploads/curso/6.pdf>. Disponível em 02/05/2017.

GIL, Antônio Carlos. **Didática do ensino superior**. São Paulo: Atlas, 2006.

GREEM, Barry. **The Mastery of Music: Ten Pathways to True Artistry**. Broadway Book, 2003.

NELSON, Bruce. **Also Sprach Arnold Jacobs**. Chicago, Ed. Polymnia, 2006.

OLIVEIRA, Adriana; APARECIDA, Celena; SOUZA, Gelsenmeia M. Romero: **Avaliação: conceitos em diferentes olhares, uma experiência vivenciada no curso de Pedagogia**. 2008. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/510_223.pdf>. Disponível em: 22 fev. 2010

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação**: da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas. Porto Alegre: Artmed, 1999.

_____. **As competências para ensinar no século XXI**: a formação dos professores e o desafio da avaliação. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PILAFIAN, S., SHERIDAN, P. **The Breathing Gym**. Estados Unidos, Ed Focus on excellence, 2002.

SANT'ANNA, Ilza Martins. **Por que avaliar?: Como avaliar?:** critérios e instrumentos. 3. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

SALANKI-RUBARDT, Hedi. **Teaching Musical Performance**: Exploring Extra Musical Factors and their Interdisciplinary Effects on Students.
[https://www.researchgate.net/publication/242281398 Teaching Musical Performance Exploring Extra Musical Factors and their Interdisciplinary Effects on Students](https://www.researchgate.net/publication/242281398_Teaching_Musical_Performance_Exploring_Extra_Musical_Factors_and_their_Interdisciplinary_Effects_on_Students). Disponível em 20 de março de 2017.

SILVEIRA, Fernando José; WINTER, Leonardo Loureiro. **Interpretação e execução: reflexões sobre a prática musical**. Belo Horizonte: Per Musi, Revista Acadêmica de Música n. 13, p. 63-71, jan-jun, 2006.

WILLIAMS, Richard L. **Preciso saber se estou indo bem**: uma história sobre a importância de dar e receber feedback. Rio de Janeiro: Sextante, 2005.

ANEXO

Questionário:

1. Onde iniciou seus estudos musicais (Banda de Música, Fanfarra, Banda Escolar, Grupo da Igreja, Curso de Formação, Projeto Social, etc.), ocorreu em estrutura formal ou informal de ensino (aprendeu leitura e teoria musical, estudou com métodos próprios para seu instrumento)?
2. Como foi sua preparação para a Prova de Habilidade Instrumental (P.H.I.) do vestibular da FAMES (forma de estudo, orientação e local)?
3. Durante a preparação descobriu alguma falha na formação básica, saberia descrever quais foram?
4. Quando iniciou o curso, foram levantados os problemas e falhas existentes pelo professor e plano para solucioná-los e promover aprimoramento técnico musical?
5. Quando ingressou no Bacharelado foi apresentado o Plano de Curso e Ementa da disciplina Instrumento I. Você cumpriu este programa ou foi feita alguma adaptação para resolver problemas de base identificados?
6. O repertório é muito diferente (dificuldade e estilo) com relação aos exigidos na Prova de Habilidade Instrumental?
7. Baseando-se nas aulas coletivas saberia me informar se sua turma de primeiro período era Homogênea ou Heterogênea?
8. Hoje você acredita ter entrado no momento certo, tecnicamente, musicalmente e até psicologicamente para o curso?